

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 7 DE AGOSTO DE 1886

VOL. II-N. 84.

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## SECRETARIO

ARTHUR MENDES

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

Expediente.....	JULIA LOPES.
Do Rio a Londres.....	F.
Jornaes e revistas.....	F. D'ALMEIDA.
A uns olhos, versos.....	A. PALHETA.
Bellas Artes.....	NUNO RANGEL.
Magia, soneto.....	M. CARNEIRO.
Contos a premio.....	P. TALMA.
Theatros.....	H. DE MAGALHÃES.
O cingulo vivo, soneto...	L. M. BASTOS.
Sport.....	
Factos e Noticias.....	ENRICO.
Correio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

SR. AMARAL JUNIOR.—Pilar de alagoas.— Enviando-nos V.S. 10\$ fica paga a sua assignatura até 30 de Junho de 1887.

SR. S. CAMARGO FREITAS.—S. Carlos do Pinhal.— Pôde V.S. remetter-nos em carta registrada, com valor declarado, a quantia de 10\$ pela sua assignatura do corrente anno. Ser-lhe-ha enviado o premio «Vinte Contos».

SR. C. O. CARNEIRO.—Campos.— A assignatura, d'ora em deante, custa 5\$ por semestre. Tem, pois, V.S. de enviar-nos mais 1\$.

SRS. BACELLAR & IRMÃO.—Bahia.— Em vista do augmento do preço das assignaturas têm V.V. S.S. de enviar-nos ordem para 5\$ e não para 4.000.

Aos senhores assignantes em atrazo, que até 31 de Agosto não saldarem os seus debitos, será suspensa a remessa da folha.

## A SEMANA

Tendo sido magrissimos os sete dias ultimos não lhes escreverá a historia o illustrado Thierry cá de casa—*Filindal*. Além de que temos falta de espaço — como o diabo!

Por isso tambem não damos *Tratos á bola*. No proximo numero publicaremos a continuação da *Revista retrospectiva* das letras e artes em Portugal pelo nosso illustre correspondente em Lisboa, Emygdio Monteiro, a continuação do estudo *Enfermidades estylisticas* por Araripe Junior e uma bella poesia *A mulher do marujo* pelo nosso grande poeta Alberto de Oliveira.

## DO RIO A LONDRES

Oh! minha terra amada, acolhe as palavras que te envio, sempre cheia de amor e de saudades.

Ao deixar-te, eu, encostada é amurada do vapor, que me havia de trazer a plagas estrangeiras, olhava atravez das lagrymas para as tuas montanhas enormes, luxuosas de vegetação, erguidas entre o azul do ceu e o do mar, inundadas de luz dourada e quente, e pensava: — Ah! fica a melhor parte da minha vida, toda a meninice e parte da minha mocidade...

Via-me em Friburgo, no *Chateau*, erguido entre pomares, ninho saudoso onde não deixei pennas e d'onde tão pequenina sahi. mas que me vinha á memoria nitidamente, numa lembrança suave e acariciadora. Foi ali que balbuciei as primeiras palavras no aconchego do collo materno; foi ali que dei os primeiros passos, guiada pelas mãos previdentes e bondosas de minha irmã mais velha; foi ali que aprendi as letras, sentada nos joelhos de meu pae! Como não havia de sentir saudades?

Oh! Friburgo, como me vem á memoria, como me alegra a lembrança dos meus folguedos ali! O recanto do jardim, onde fazia os grandes banquetes de bonecas... A espera de Mme. Grip ou de Mme. Cardinaux, que deviam trazer manteiga fresca logo de manhã cedo, e que eu esperava prompta, com a minha tigella de leite natoso e a fatia de pão abiscoitado, ainda quentinho do forno... E as idas ao pomar, onde, sem caridade, as minhas companheiras mais velhitas e com mais força portanto, batiam com bambús nas pitangueiras luzentes, esmaltadas de fructinhas es-carlates, que se espalhavam no chão d'onde as juntávamos?... E os pinheiros do caminho do *Chalet*, enormes, elevando a sua rama verde-negra d'entre as arvores em redor?... E as acacias, mais adeante, amarellas e roxas, perto do riacho que descia soluçante entre gra-

mados e pequenos bosques até lá em baixo, ao rio...

Que differença haverá em tudo aquillo! Fiz bem em nunca mais lá voltar.

A alteração notada num logar amado, como que se nos afigura um sacrilegio. Embora deixasse eu em ruinas o meu primeiro ninho, havia de sentir uma decepção triste ao encontral-o, quando o procurasse num palacio moderno e confortavel! O passado, esse nunca mais se encontra, eu sei; a vida é como a agua de um rio, que vae e não volta mais; mas há um prazer indefinido em pisar a gente, depois de muitos annos, as taboas que pisou em criancinha, e em pascer os olhos nas paredes da sua antiga habitação, dizendo: — Está tudo tal e qual!

Depois d'essa quadra bonançosa, dos primeiros cinco annos de minha vida, vinha-me ao pensamento a capital do imperio, terra onde nasci, onde todas as alegrias tive, onde tão feliz fui! Depois... a serra de S. Paulo, a cidade em que morei, onde acordava ouvindo os cantos dos meus saudosos canarios, a que respondiam lá fóra as andorinhas, que iam pousar na janella de meu quarto, entre as hastes floridas das angelicas e as brilhantes folhas dos crotons... E o panorama que d'essa janella eu destructava! Campinas, meia encoberta de um lado pelas cazuarinas do mercado, deitada entre duas colinas, numa linha curva, inundada da luz branda e doce da manhã, destacada entre os campos e o arvoredo pelo desmaiado azul do ceu, trazendo-me á lembrança um esmalte fino, completo, nitido, feito numia mimosa concha azul; depois as horas de estudo e as de trabalho, a sala de costura, a voz sonora de uma de minhas irmãs recortando no ar uns trinados alegres; as musicas estudadas a quatro mãos com outra, as visitas de uma amiga intima; a chegada do carteiro com as cartas e os jornaes da Corte; os risos expansivos de meus sobrinhos... á noite o serão, todos á roda da mesa, as senhoras *tricotando* ou bordando, os homens fazendo e desfazendo *pacencias*, e em frente a uma de nós, sobre o pauno cinzento da mesa, aberto um livro, que é lido em voz alta e com immenso interesse ouvido: *D. Quixote de la Mancha*, por exemplo, o delicioso livro de Miguel Cervantes, tão originalmente bello!

Depois... oh! a fantasia volta aos mesmos sitios d'onde partio. Vê as alegres manhãs de Dezembro... o nosso jardim... vê... Mas o vapor abala-se e vae singrando as aguas da esplendida bahia do Rio de Janeiro; a pouco e pouco desvanece-se no horizonte esta ou aquella montanha... o dia vae descahindo, uma aragem forte secca-nos os olhos cansados de chorar, e a voz prudente de uma santa e desvellada amiga aconselha-nos a que nos vamos sentar num canto agasalhado.

No dia immediato balançava-se o vapor entre ceu e agua. Nem uma sombra no horizonte indicadora de terra!

Entre os passageiros do *Arauca*, vi-nham só duas familias brasileiras a

uma portugueza; todos os mais eram inglezes, ou australianos. As senhoras sempre preparadas como para passeio, de chapéus com flores e luvas de pellica, passeavam a passos largos pelo tombadilho.

Eu julgava as inglezas pouco ou nada accessiveis; tinha-as em conta de inatacaveis e não me atreveria nunca a dirigir-me directamente a qualquer d'ellas. Abri, pois, o meu livro, *Tartarin sur les Alpes*, que mãos queridas me haviam dado no apartamento, e puz-me a ler. Estava ainda no primeiro capitulo, quando uma voz estranha me interrompeu a leitura.

Era uma senhora ingleza que, curiosa, veio fazer-me algumas perguntas a respeito do Brasil. Respondi-lhe da melhor vontade e estabeleceamos assim relações; á noite tinha conversado já com muitas e muitos d'elles e acompanhado ao piano um cantor nas suas musicas.

Os inglezes não cantam geralmente senão no seu idioma.

Os seus romances têm todos como que o mesmo rythmo, são monotonos, são pallidos e tristonhos. Durante os dezoito dias que vivi a bordo ouvi cantos inglezes, irlandezes e sobretudo escossezes; italianos, francezes e allemães, nunca! E' que os inglezes, em geral, detestam as linguas estrangeiras, a julgar pelo pouco que as estudam. Ha um certo egoismo activo no modo porque declaram que só em inglez cantam, que só inglez leem e que só inglez falam. Esmeram-se, educam-se na sua lingua materna; nós, mais superficiaes talvez no estudo da nossa, procuramos aprender as alleias e conseguimos, ás vezes, cousa espantosa e realmente triste! saber mais a fundo uma lingua estrangeira, do que a que temos por dever sagrado conhecer bem!

Apezar dos concertos e dos bailes, em que os cavalheiros se apresentavam *en grande tenue*, da leitura do jornal, ás segundas feiras; dos diversos jogos, da delicada attenção da officialidade para com os passageiros; e da bibliotheca do vapor, que não era má; apezar de todas as vantagens, emfim, enfastiavamme horrorosamente a longura d'aquelles dias e d'aquellas noites!

Tinhamos já bastante tempo de viagem, quando chegámos a Tenerife.

Ver terra alegre o navegante; é um consolo, um refrigerio, um descanso. Ainda mal se divisavam além as montanhas da pittoresca ilha, confundida no horizonte com as nuvens azuladas, e já nos, de binóculo em punho, numa anciedade desculpavel, punhamo-nos a olhar para ella, com sympathia, com alegria, mesmo!

O Pico de Tenerife estava encoberto pela neblina. Fazia frio, muito frio.

Viam-se de um lado as montanhas cobertas de neve, do outro cobertas de vegetação, e em baixo, á beira mar, a casaria irregular da ilha, edificada no estylo hespanhol. A cercar o *Arauca*, logo que este aportou, affluam os botes dos mercadores de fructas, aves, chocolate e fumo, falando todos muito e muito alto, zangando-se entre si, olferecendo aos viajantes tudo o que traziam, em repetidas supplicas.

Aquelle quadro animado e brilhante, a terra, a neve, o arvoredo, a gente de outro typo e de outra lingua muito diversa da que ouviamos desde pela manhã até á noite a bordo, quebrou a monotonia dos dias passados entre céu e agua, com vento contrario, cortante e frio. A vida no mar é agradável para quatro ou cinco dias, mas deveras fatigante para muitos.

Eu gosto d'ella, note-se. Sentia-me bem, seguindo á noite a marcha das

estrellas, recostada na cadeira de vime, em cima, no tombadilho; gostava de vér a esteira branca feita pelo movimento do vapor; agradava-me a convivencia dos companheiros e sentia-me forte; mas, mesmo assim, desejava-me em terra, gozando outros espectaculos variados e novos.

Poz-se de novo em marcha o grande *Arauca*, para Plimouth.

Passámos bem perto de S. Vicente, a triste e arida ilha, mas não parámos ahí.

O resto da viagem correu maravilhosamente. A bahia de Biscaia—a tão temida bahia, foi para nós gentilissima: mar sereno, transparente, liso, foi todo um madrigal lisongeiro, fez-se lago para a passagem do *Arauca*.

As gaiotas,—nunca vi tantas!—cercavam em banhos bulhentos o paquete, refletindo-se na agua os seus vôos. Os bem cultivados campos dos baixos montes de Plymouth prenderam-nos a attenção, bem como as fortalezas á beira mar e sobre as collinas, sentinellas altivas destacando-se do suave colorido dos prados e do fundo pallido de uma manhã de hynverno.

Só no dia seguinte deviamos chegar a Londres, e só no dia seguinte chegámos. O Tamisa, cuja entrada me impressionou agradavelmente, não nos deixou ir até á grande cidade, tão baixa tinha a maré. Desembarcámos, pois, em Gravesend, triste bairro de operarios das doccas; ahí tomámos o comboy. Minutos depois passávamos por entre uma multidão de chaminés, e, ao entardecer, em uma tarde chuvosa e fria, chegámos á grande, á immensa capital do mundo commercial, á opulentissima Londres.

Lisboa, 28 de Junho de 1886.

JULIA LOPES.

## JORNAES E REVISTAS

*L'Italia*, o magnifico diario italiano redigido pelo illustrado Dr. J. Fogliani, um escriptor distinctissimo, de grande independencia de caracter e de notavel talento, recebe sempre *A Semana* com singular distincção e gentileza. No seu numero do dia 2, depois de delicados e generosos elogios, que agradecemos reconhecidissimos, incita-nos *L'Italia* a que escrevamos desenvolvidas apreciações dos livros que recebemos, e especialmente do livro de Camillo Castello Branco—*Historias da Montanha*.

Errou d'esta vez o nosso gentil collega. O livro *Historias da Montanha* não é de Canillo; é de Monteiro Ramalho, e já tractámos d'elle em o nosso n. 70. Temos, é verdade, muitos livros a criticar; mas para que esse serviço seja feito com regularidade, falta-nos tempo e espaço. Só com vagar poderemos cumprir esse dever.

F.

## A UNS OLHOS

(CAMPOAMOR)

Mais doces deveis ser  
Se me tornardes a olhar,  
Porque é maldade, a meu ver,  
Sendo fontes de prazer  
Cauzar-me tanto pezar.

Não comprehendo— e nisto peno! —  
Que minha sorte cruel  
Faça que esse olhar sereno  
Só p'ra mim seja veneno,  
Sendo para todos mel.

Bem cruéis estaes ficando  
Não querendo que eu vos queira;  
Meu amor não tolerando,  
Mataes-me; -- e eu, não vos amando  
Morro da mesma maneira!

Se amando posso offender-vos,  
Vingança podeis tomar;  
Porque é força fazer ver-vos  
Que, ou não deixo de querer-vos,  
Ou me acabais de matar.

Se por meu amor medita  
Fôr a vingança, que horror!  
Sinto a minh' alma rendida:  
Pois é mui pouco uma vida  
Para vingar tanto amor!

Porque este amor egualdade  
A nenhum outro concede;  
Tal é sua intensidade  
Que penso, ai de mim! que excede  
Mesmo a vossa crueldade.

São, por Deos! duros azares  
Darem-me os vossos desdens  
A cento e cento os pezares,  
Podendo dar-me aos milhares,  
Sem os pezares, os bens!

E me é dobrado tormento,  
E mais importuna dôr  
Ver vosso contentamento  
De ter, para um só, rigor,  
Sendo brandos para um cento.

E' injusto por demais  
Que tenhues, olhos serenos,  
A quem, de amor sem signaes,  
Vos ama menos — em mais;  
E a mim, que amo mais — em menos.

Mas é, pezar de mortal,  
Vosso languido desdem  
Tão doce... tão celestial...  
Que sempre reveste o mal  
Com as lisonjas do bem.

Oh! se a vossa luz querida,  
P'ra allivio da minha sorte,  
Me fosse beila homicida!  
Quem não trocará sua vida  
Por uma tão doce morte!...

En, que estou de angustias pleno,  
Nada julgo mais cruel  
Do que esse olhar tão sereno  
Ser só para mim veneno,  
Sendo para todos mel.

1885.

FILINTO D'ALMEIDA.

## BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO ORGANISADA PELOS ALUMNOS DA IMPERIAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES.

A exposição inaugurada no dia 1 de Agosto, pelos alumnos da Academia foi a primeira tentativa que nesse genero se fez no paiz. Alem de ser um emprehendimento, é uma prova do quanto se dedicam ao estudo, e do interesse tomado pela profissão que abraçaram.

Todos os trabalhos expostos, ou quasi todos, foram feitos fora da Academia; e isto equivale a dizer que esta exposição é o mais forte e o mais arrojado protesto contra a dictadura academica. Entre os expositores alguns figuram que são de uma independencia intellectual verdadeiramente revolucionaria. A banalidade official que qualquer lente de sobrecasaca preta

pôde chamar esthetica, a velha esthetica das academias, não transparece ahi senão por pequenos e pallidos reflexos, em uma ou outra obra.

Não vamos pedir a quem apenas começa e se apresenta modestamente com o titulo de alumno, vitalidade de toque, grandeza de composição, nem tão pouco aturada observação de tudo quanto diz respeito á arte moderna. Contentam-nos com a sinceridade da manifestação artistica que, cada qual, imprimio em obra sua. E é isto prova de pendor para a profissão que seguiram.

Mas o que é certo e o que é indiscutível é que a presente exposição veio prometter por uma maneira clara, positiva, simples, uma nova época para a arte brasileira, e uma geração de pintores e esculptores capaz de vencer a infecundidade pretenciosa do nosso tempo.

Entre os alumnos os que se distinguem por maior independencia, são dignos de louvores os Srs. Bento e Isaltino Barbosa, pintores; e Emmanuel Lacaille, esculptor. O Sr. Isaltino Barbosa expõe dois bons estudos a fusin, e um pequeno quadro impressionista. Este quadro, que está ainda muito longe dos da escola de Manet, tem entretanto um grande caracter de independencia, de arrojo, de intrepidez.

É um canto de sala—Encostada á parede, com muita naturalidade, um pequeno rabujento choramiga, talvez porque o papae esqueceu-se de trazer as bonéas prometidas. Como se vê, o assumpto é o mais simples, o mais natural e, também, o mais comico possível. Feito a golpes de pincel, sem outra preocupação senão a de *agarrar* bem a impressão, o effeito que nos transmite é, se me consentem dizer— completo.

O Sr. Bento Barbosa expõe nove trabalhos que são irrecusaveis provas de uma didicida, delicadissima, vocação artistica. Elle ha de ser, espero convictamente, um dos nossos maiores artistas. As caricaturas que expõe sob o titulo— se me não illude a memoria— *Ao correr da penna*, são, no genero, o que de melhor se pôde desejar. A expontaneidade do traço e o grande *houmorismo* com que tempera as exaggeradas figuras lembram aquelle tão querido e tão ingrato Raphael Bordallo Pinheiro que, depois do mestre Luigi Borgomainero, foi quem melhor, no Brasil, representou a arte de Daumier e Gavarny. Peço ao leitor que não me julgue exaggerado na comparação que faço entre as caricaturas de Bento Barbosa e as de Bordallo Pinheiro. Detesto as comparações banaes, balofas, idiotas, que todo o sujeito que se mette em assumptos de bellas-artes arrauja, estonteadamente, para disfarçar a ignorancia. Quando ouço um d'esses gatos pingados da critica chamar ao Sr. Victor Meirelles Ticiano brasileiro, e ao Sr. Pedro Americo rival de Vernet, confesso com toda a franqueza—tenho impetos de enforçar o doudo em um lampeão de esquina para que a multidão o veja morto e ridiculo, como um Judas de palha.

Volvamos ao assumpto: As caricaturas de que fallo, e que todos podem ver na sala da presente exposição, são de um comico irresistivel. A facilidade está caracterizada na nervosa rapidez com que foi guiada a penna. O traço sae-lhe expontaneo, alegre, trocista do bico da penna, ou da ponta do lapis, como a gargalhada chega involuntariamente aos labios de um folgasão. Actualmente eu só conheço um caricaturista, digno d'esse nome, que possuía tão notavel facilidade: é Belmiro d'Almeida.

(Continúa.)

ALFREDO PALHETA

## MAGIA

Estudo ha muito tempo as bruxarias,  
E sei que as snas leis mysteriosas  
São feitas por satanicas harpias  
Nas profundas cavernas horrorosas;

E sei que as negras sombras tenebrosas  
São almas que, entre esciras ventanias,  
Da noite pelas horas devidosas,  
Andam gemendo em tristes agonias.

Sei que existe um e-ppirito infernal  
Que preside aos fantasticos enguiços,  
Entre espiraes de fumo abrazador;

• Só não sei o principio orizinal  
De uns estranhos e limpidos feitiços  
Que ha nos olhos gentis do meu amor.

Porto.

NUNO RANGEL.

## CONTOS A PREMIO (\*)

Casamento e mortalha no céu se talha—Com teu amo não jorges as péras—D'onde não se espera, d'ahi é que vem— O perdão é a mais nobre e a mais completa das vinganças— Mais vale tarde do que nunca— Quem não ama, não vive.

(Conclusão)

Iam-se os dias. O grisalho rabugento do escriptorio não morria, não deixava o emprego. E elle enfadava-se de ver-se eternamente subalterno do velho, e, o que é mais: dos velhos duzentos mil réis.

Uma manhã levantou-se á hora do costume e sentado no canapé esperava pela mulher que lhe fóra buscar o café. Puchou para si a caixinha da costura que estava sobre o sofá, e poz-se a mexer machinalmente, por desfastio, naquelles pequenos objectos.

Carreteis, colchetes, novellos, um coração de seda verde com alfinetes, um dedal de prata com o fundo de massa avermelhada fingindo granada, uma agulha espetada n'um carretel de linha preta, quatro amostras de chita, e ia revolvendo aquillo com uma indifferença fastidiosa e morna.

Entre aquelles objectos encontrou um cartão branco, nitido, com este nome impresso—*Dr. Eduardo Pimentel*— e por baixo—*Medico*— e depois, no corpo branco do cartão, com tinta preta, muito fresca ainda, lia-se claramente, em uma letra ligeira, muito miúda: *Amanhã ás 11 horas.*

Que queria dizer aquillo? Não havia ninguem doente em casa. Demais, o doutor não costumava avisar das visitas antecipadamente. Por um cartão!.. de vespera!..

E uma nuvem escura passou-lhe por deante dos olhos, por aquella imaginação torturada, devorada pela preocupação ansiosa de decifrar aquelle mysterio. Tinha lido muitos romances de esposas infieis, que deshonram os maridos, mas nunca lhe havia passado pela imaginação que sua mulher fosse capaz de... Não. Não era possível. E demais quem? O doutor, que tinha sido sempre seu amigo?.. Entretanto, aquelle cartão!..

Ouvio passos no corredor. Metteu o cartão no bolso e empurrou a caixa da costura para o logar em que estivera. Tomou o café sem levantar os olhos para a mulher, poz o chapéu, desceu a

escada, e foi pela rua fóra, com o cigarro acceso, remoendo aquella idéia.

Seria possível que o doutor... Não. Em quem confiar então... se os amigos eram assim?... A duvidar de tudo... Mas o cartão?! E era verdade que o doutor affagava muito a sua amiguinha, como elle a chamava, mostrava muito interesse por ella, gostava de fallar-lhe em segredo, e rir-se com ella no vão da janella. Por diversas, por muitas vezes tinha-o encontrado em sua casa sem haver doentes. Agora as que não encontrava! E o doutor devia ter mais que fazer do que visitar amigos. Ah... as vezes é assim. Não se desconfia nada, tem-se muito boa fé, e está-se com o diabo em casa. Nunca suspeitára nada, porque elle mostrara-se sempre seu amigo. Quasi sempre é assim mesmo: *D'onde não se espera d'ahi é que vem.* Mas agora desconfiava, oh! se desconfiava d'elle! E havia de saber por força o que significava aquillo.

No escriptorio mesmo, deante do *Razão* e do *Diario*, com a penna entre os dedos, parado, os olhos sobre o papel, sem ver cousa nenhuma, silencioso, ficava durante muito tempo a remoer aquelles pensamentos que o confundiam, que o incommodavam, que lhe roubavam a paz do coração.

Estava determinado. O plano estava feito. Ás onze horas... E olhava para o cartão, que tirára do bolso, seguro pelas pontas dos dedos... Ás onze horas vou á casa. Pôde ser que sim... pode ser que não...

E começou a escrever os seus algarismos. De quando em vez levantava a cabeça, olhava para o relógio, e ficava com os olhos pregados nos ponteiros, como se contasse os minutos. Quando deram onze horas elle largou a penna, esqueceu os livro abertos sobre a meza, tomou o chapéu e sahio. A porta de casa cambaleou como um bebedor e hesitou em subir. Por fim elle montava os degraus, agarrado ao corremão. Na sala de jantar não estava ninguem. Começou então a andar de vagar, sem fazer ruido. Foi á sala de visitas; ainda ninguem. Mas ouvia-se qualquer coisa ali perto, no seu quarto de dormir. Quasi lhe falhava a coragem. Avizinhou-se da porta, abriu os braços. Fixou as mãos nos humbraes, como para não cahir, e com o chapéu no alto da cabeça, tremulo, abaixou-se e pôz-se a espiar pelo buraco da fechadura. Não tinha duvida nenhuma!.. O doutor atava a gravata deante do espelho. Sua mulher, era ella claramente, ella... em saias brancas, abotoava o corpinho, muito corada. E, com a vista turva, as pernas frouxas, pôz-se a tremer. Deu uns passos para traz, pallido, com os labios contrahidos, e conseguiu fugir d'ali, onde parecia que estava pregado, a fugir, como se fosse elle o criminoso!

Quando chegou á sala de jantar, tirou o chapéu e sentio uma aragem que entrava pela janella refrescar-lhe um pouco aquelles pensamentos medonhos.

Sentia que lhe faltava coragem para matar aquelle homem. Tinha vontade de se affastar d'ali, para nunca mais voltar, sem que ninguem o visse, sem que ninguem o soubesse, testemunha muda da sua vergonha. Tinha um pezo immenso no peito, que lhe tirava a liberdade de respirar. Infames! E o doutor?.. Talvez se enganasse. Não tinha podido ver bem pelo buraco da chave. O seu amigo?!.. Mas quando voltou-se deu com os olhos no chapéu que estava em cima de uma cadeira, um chapéu de pello, alto, que elle conhecia, de forro azul, e, collado no fundo, um cartão branco, com o nome do doutor, igual ao que tinha na algi-

(\*)Vide o n. 83 d'A Semana.



beira. A prova estava ali, evidente, palpavel. E sahio, pallido o tremulo, agarrando-se pelas cadeiras, pela parede, pelo corremão da escada até sahir na rua.

Naquelle dia não voltou mais ao escriptorio. Vagou abaixo e acima, sem consciencia, pelas ruas cheias de povo, parando pelas portas, pelas vitrines, com um ar aparvalhado e o chapéu no alto da cabeça.

Estava no proposito de não voltar mais á casa. A mulher que deshonra seu marido... Aquelle amigo infame, que o illudira... ah! tinha vontade de estrangular-o. Se o encontrasse... E ao mesmo tempo sentia que não teria animo para isso. Devia-lhe obrigações. Mas... Nunca, nunca lhe perdoaria. Tinha-o illudido, abusado da boa-fé, tinha-o enganado. Era demais! O *perdão* era para outras cousas. Para factos d'esses, não! E, sim, é a mais nobre e a mais completa das vinganças. Sabia muito bem d'isso, mas tinha necessidade de vingar-se. Uma infamia d'estas não fica assim.

Entrou em um *café*, sentou se machinalmente, queria beber qualquer coisa, cognac... E começou a encher o calice e a esvasial-o, com a garrafa ao pé, repetidamente, como se quizesse embebedar-se. E com a cabeça enterrada entre os punhos cerrados, pensativamente, com o calice deante, elle considerava no silencio: como o haviam trahido! E sua mulher, que estimava tanto, para quem trabalhava o dia todo, deixára-se seduzir... seduzir, com certeza! E ha quanto tempo?... Como o havia enganado aquelle homem!! Mas agora não o enganaria mais. Agora conhecia-o perfeitamente; se o conhecia!.. Mas já era tarde, muito tarde. Já o tinha deshonrado. Era tarde e... antes nunca o soubesse, nunca! Aqui não se podia dizer que *antes tarde do que nunca*. Não! nesse caso, não. Antes nunca o soubesse, antes morresse illudido, ignorando tudo aquillo!

E bebia mais ainda, com a mão tremula e uma soffreguidão nervosa.

Um d'estes dias vi-o passar, com o facto ensebado, a face cava e amarella, cambaleando, por uma travessa escura.

E dizem aquelles que o conhecem de mais perto que sempre que ouve falar no amor, abre na bocca o riso amarellado dos tristes, e com os olhos humidos, exclama:

— Ah! o amor. Muito bom! *Quem não ama não vive*. E entretanto, ora veja você! aquelle que ama é justamente o que traz a morte—dentro do coração!...

MANOEL CARNEIRO.

[Coronel Marrioni.]

## THEATROS

S. PEDRO

Companhia de opereta franceza

«LA BELLE HÉLÈNE»

E' esta, sem duvida, uma das melhores operetas de Offenbach e um dos librettos mais burlescos e *grivois* de Meillac e Halévy. E' um libretto tão fresco e tão levado da breca, que levou o Sr. O. Guanabario, critico musical d'O Paiz, a descompor os auctores, Offenbach e o proprio Conservatorio Dramatico, isto depois de ter sido a peça centenaes de vezes representada

aqui de ha quinze annos a esta parte! E' verdade; nunca se vio um critico tão candido, tão indignado, tão ruborizado e tão... ingenuo!

Nada! meus senhores pudibundos, convençam-se de que ninguem vae assistir a uma opereta para aprender moral domestica, mas somente para se divertir e alegrar por uma noite.

*La Belle Hélène* teve um bom desempenho. Preziosos fez com muita graça e malicia o papel de protagonista e cantou-o com muita garridice e desenvoltura.

Mezières deu-nos um Chalcas hilariante, magnifico, de um grande vigor comico, quasi perigoso—porque muita gente adoeceu de tanto rir!

Moreau foi um Menelau impagavel, molieresco, resignado, ridiculo até o extremo.

Minart deu um optimo Páris. Cantou muito bem toda a sua parte e foi obrigado a bisar as coplas da entrada do terceiro acto.

Nordall fez um gracioso Oreste, embora estivesse ainda um pouco fraca a sua voz.

Valot, Vinchon, Desclos, Salvador e còros, estiveram bons e afinados.

Scenario deploravel.

\*

«LE JOUR ET LA NUIT»

A graciosa opereta de Lecocq proporcionou um novo triumpho á companhia do sr. Mauricio Grau. *Manola* encontrou uma deliciosa interprete na Sra. Zelo-Duran, que deu ao seu personagem um coloridissimo relevo, pondo em evidencia as subtilzas extremamente correctas da sua bem educada voz. No 2º acto, na scena com Minard, foi tão brilhantemente cantada a *romanza*, tão artisticamente feitos os *smorzando*, os *crescendo* e os *trinados*, que o publico, num impeto de franco entusiasmo, pediu *bis* d'aquelle trecho. Estas manifestações repetiram-se no 3º acto, sendo a distinctissima cantora alvo dos mais phreneticos applausos.

Mezières, com a sua extraordinaria veia comica, deu-nos um ministro inimitavel.

A Sra. Nordall, no duetto dos rouxinos cantou com nitida e segura emissão de voz, partilhando em boa quantidade dos applausos do publico.

Minart e os demais artistas foram tambem muito victoriados, pois todos porfiaram em manter no desempenho da peça um bellissimo conjuncto.

A peça está luxuosamente vestida e encenada, sendo de esperar que nas subsequentes representações o publico encha o theatro que lhe proporciona tão bellos espectaculos.

## RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

«FÉDORA»

No sabbado passado vimos mais uma edição da *Fédora* de Sardou.

Dispensamo-nos de considerações sobre a peça, que nos parece mediocre, e sobre o papel da protagonista, irizado de difficuldades adrede escriptas para mais uma vez ser posto á prova o phenomenal talento de Sarah Bernhardt.

Não participamos da opinião geral que repelle os confrontos de artistas, porque entendemos que, desde que um artista se abalança a representar um papel especialmente escripto para outro e em que esse outro é um prodigio, dispõe-se tacitamente aos perigos da comparação. Todavia, procuramos esquecer-nos das outras *Fédoras* que temos visto, para julgar a actriz Virginia,

que, sem duvida, não foi a peor.

Esta distincta actriz tem, a nosso ver, um defeito capital: Só representa quando fala. Enquanto espera a *deixa* dos seus interlocutores, fica para ali impassivel, indifferente a tudo e a todos, e esquece-se de que o seu personagem tem de ser agitado, sacodido impressionado pelo que vê e pelo que ouve. Na *Estrangeira*, por exemplo, a duqueza de Septemonts assiste com uma impassibilidade de estatua, com uma indifferença de manequim a toda a longa e terrivel narração, commovedora e tragica, da americana liberta, e quando solta a exclamação: — «Que horror!», está tão horrorizada e tão emocionada como se assistira a uma scena de comedia de Hannequin!

Dos cinco papeis até agora aqui representados por Virginia foi o da *Fédora* aquelle em que este defeito menos appareceu. Até o final do segundo acto Virginia nada fez de notavel.

Não estava ali a princeza russa, princeza de raça, descendente de reis, mulher distinctissima, elegante e educada, mas nervosa, de grandes paixões violentas, extremada no amor e no odio, implacavel perseguidora do assassino de seu noivo, tendo abandonado por vingança a sua natural altivez de fidalga e o seu legitimo orgulho de mulher, até o extremo de deixar a patria e fazer-se espia, servindo no *Estrangeiro* ás maquinações da politica imperial para satisfação do proprio ran-cor. Não; até o fim do segundo acto Virginia não conseguiu esboçar o seu personagem. A vehemente exclamação final: — «Assassino, tenho-te nas minhas mãos!» não foi digna de uma primeira actriz.

No terceiro e quarto actos esteve muito melhor; foi quando pareceu tomar a sério o seu papel. Ouvio muito bem no terceiro acto a dolorosa narração de Loris e foi sufficientemente implorativa e amorosa na supplica da ultima scena. No quarto acto, ainda que no semblante e no gesto não pudesse manifestar toda a lucha dos sentimentos que a agitam, toda a dor e todo o remorso, teve momentos muito felizes, e foi notavel na scena do envenenamento, *fallendo* uma morte admiravel, mais *trabalhosa* ainda do que a de Sarah Bernhardt no mesmo papel, diga-se a verdade.

Emfim, Virginia é uma Fedorasinha muito burgueza, mas o seu trabalho é digno de vêr-se e de notar-se, porque representa um grande esforço, uma lucha contra o seu temperamento artistico, pouco nervoso e muito frio.

Quem nos deu um magnifico Loris Ipanoff foi o Sr. João Rosa. Sempre distincto, sempre acabrunhado pelas dôres do exilio e do infortunio domestico. Fez admiravelmente, com fogo e vehemencia, a declaração a *Fédora* no segundo acto; e esteve muito feliz, embora um tanto academico e talvez exorbitante, na scena final do terceiro. No quarto acto fez muitissimo bem a leitura da carta e exprimio magistralmente a enorme dôr da noticia recebida. Nas scenas finaes retomou a sua habitual sobriedade e fel-as com alta correcção, sem grandes arranques de violencia.

Luiza Lopes e Baptista Machado, já foram julgados nos seus papeis, que ainda representam do mesmo modo—distinctamente. Os outros papeis da peça não têm nenhuma importancia e foram representados discretamente por Silva Pereira, Antunes, Costa, Ferreira, Sullivan, Valle, Bravo e Alexandrina.

O theatro estava repleto e a Sra. Virginia teve uma grande ovação no final da peça.

## « PRINCEZA DE BÂGDAD »

A actriz Virginia fez na quarta-feira o seu beneficio com esta peça de Dumas Filho.

O nosso publico já perfeitamente sabe que *A Princesa de Bagdad* é uma peça monstruosamente absurda, falsa, sem pés nem cabeça; não tem logica, não tem observação, não tem verdade, não tem nada! É uma tentativa malograda de dramalhão, com duas scenas de effeito grosso. Indigna do autor do *Demi-Monde* e de tantos outros primores dramaticos. Fez muito bem a critica parizense arrasando a peça e o auctor.

O desempenho que a companhia do D. Maria II deu á *Princesa de Bagdad* foi muito regular.

A distincta actriz Virginia, por melhor que fosse a nossa vontade, não conseguiu impressionar-nos senão na scena final do ultimo acto, apesar de não ter dado ao seu trabalho toda a energia que a situação terminantemente exige. Da absurda grande scena do segundo acto pôde-se apenas dizer que não foi de todo mal feita. Mais uma vez observámos que a indole artistica da Sra. Virginia não se compadece com os grandes papeis. Os personagens violentos, explosivos, de fortes paixões, perdem grande parte da sua feição representados pela distincta actriz portugueza; o seu temperamento glacial repelle as explosões e não attinge nunca ao calor vulgar das situações altamente dramaticas. Ella commette o erro commum de adaptar o si mesma os personagens, em vez de procurar adaptar-se a elles, corporificando-os e animando-os com a vitalidade do seu talento e da sua arte. Em duas palavras: falta-lhe individualidade artistica, fallecem-lhe qualidades naturaes para os papeis do genero da Leonette e da princeza Romazoff.

João Rosa foi um optimo conde Hulme, representando-o com a costumada correção.

Augusto Rosa, embora pouco certo no papel de Nourvady, representou-o com distincção.

Silva Pereira e Baptista Machado estiveram muito bons nos papeis de Godlér e Trevelé. O Sr. Antunes fez um Richard muito discreto. Os outros papeis da peça são tão insignificantes que não merecem menção.

Na noite da primeira, a que não assistimos, a beneficiada teve uma grande ovação e recebeu presentes valiosissimos, que o seu bello talento lhe tem feito merecer.

## PRINCIPE IMPERIAL

Companhia do theatro Principe Real, de Lisboa

Ha muito tempo não viamos a imprensa manifestar-se ácerca do merecimento de uma companhia dramatica com tamanho accordo de apreciações como a respeito d'esta. Têm sido unanimes os jornaes em affirmar que ella é composta de muitos artistas bons e de alguns de primeira ordem, collocando entre estes Polla, Alvaro, Margarida Cruz e Maria das Dóres.

Até agora somente uma ou duas das figuras da companhia desagradaram inteiramente; mas a essas têm sido distribuidos papeis insignificantes, d'esses que a gyria dos bastidores chama — *pontas*. Uma companhia assim constituida, pôde, com alguma benevolencia, ser classificada — de primeira ordem, pois que as que são consideradas taes não se compõem somente de notabilidades, sendo que em algumas não se encontra notabilidade nenhuma. Ora,

esta, além dos quatro principaes artistas mencionados, têm alguns realmente bons e outros muito regulares — como Adelina, Elvira, Costa, Branlão, Gil, Ferreira e Almeida. Em todos nota-se estudo, intelligencia e uma certa educação artistica, o que produz em resultado um bello conjuncto, a harmonia geral do desempenho; e é principalmente esta qualidade que faz o merecimento de um grupo de artistas.

Como nos falte espaço para tratar particularmente de cada uma das peças representadas durante a semana — pois foram na semana de seis: *Magdalena*, *A avó*, *A Morgadinha de Val Flôr*, *A Dama das Camélias*, *O Grande Galeoto*, *Maria Antonietta*, — resumiremos o nosso juizo ácerca do trabalho dos principaes artistas n'aquellas peças, synthetisando-o em um rapidissimo estudo sobre as qualidades que nellas revelaram.

## POLLA

É o primeiro artista da companhia, apesar da rouquidão incuravel e chronica da voz. Mostrou que era artista provecissimo logo ao estreiar-se, no papel de Dr. Palmieri, da *Morte Civil*. Já tinhamos noticia excellente dos seus merecimentos; noticia que elle tem brilhantemente confirmado. É um artista absolutamente senhor de todas as difficuldades e segredos do theatro e sufficientemente illustrado e talentoso para interpretar os varios papeis de que se encarrega. Desempenhou notavelmente, com correção impecavel e grande sentimento, o papel de Leonardo, na *Morgadinha*, papel que aqui fora muito bem feito pelo distincto actor Maggioli; com muita elegancia e dignidade o papel de duque no drama *A avó*; com muita graça os seus pequenos papeis da *Magdalena* e da *Morgadinha*, e com extrema correção, bella energia e sentimento profundo o de D. Julião, no *Grande Galeoto*, imitação liberrima do prodigioso drama de Echegaray, perpetrada por D. Guiomar Torrezão.

## ALVARO FERREIRA

Voltou melhor artista, corrigido das demasias e imperfeições que antigamente inferiorisavam o seu trabalho. A respeito dos progressos que fez, dissemos o bastante em o nosso passado numero. Alberto de Magalhães (na *Magdalena*), Luiz Fernandes (na *Morgadinha*), Armando Duval (na *Dama das Camélias*) e Ernesto (no *Grande Galeoto*), todos estes personagens tiveram em Alvaro um interprete magnifico. Fez-se especialmente notavel nos papeis de Luiz Fernandes, que desempenhou com enorme sentimento e sobrio vigor, — á parte a risada do 3º acto, que não é do papel, — e no de Ernesto, em que — excepto a violencia escusada da scena final — deu corpo e vida á original criação de Echegaray. De tudo, porém, quanto fez o que mais nos agradou foi a morte na *Morgadinha*. Um trabalho estupendo, terrível de verdade, digno de Rossi ou Salvini.

## MARGARIDA CRUZ

Estreiou-se na sexta-feira passada, na *Magdalena*, tendo nos apenas podido dizer no numero passado que agradou muito. É moça, de estatura regular, magra, esbelta, elegante, extremamente nervosa. Tem uma physionomia distincta e agradável; *petillante* de graça e intelligencia. A voz, de pequeno volume, é limpida, rica de inflexões e muito ductil. Veste com apurado gosto. Tem muito pouco tempo de theatro; e esta circumstancia justifica as vacillações, incertezas que ainda se encontram no seu trabalho. Revelou, porém, desde a sua estreia que tem um bello talento e qualidades artisticas de primeira ordem.

Interpretou com real superioridade os papeis de *Magdalena* e *Morgadinha* — papeis primos-irmãos — de que o seu temperamento nervoso tirou magnifico partido.

N'a *avó*, no pequeno papel de Joanna, teve um momento felicissimo: aquelle em que surprehende a velha envenenando a agua que ia ser bebida por sua irmã. Aquelle grito, estrangulado, de assombro, aquella physionomia desvairada de horror, aquelle brado: *Não bebas!* são revelações de uma grande actriz. Mais alguns annos de palco esta erguer-se-á em toda a sua altura e em todo o seu esplendor. Fez uma Margarida Gauthier muito elegante, meiga, bondosa e soffredora. Dois grandes merecimentos tem esse seu trabalho: é original, fructo apenas de seu estudo, e sempre dirigido em busca da verdade, sacrificando a esta os effeitos scenicos. Fez muito bem os dois primeiros actos, a scena do 3º com o pae de Armando e depois com este, e as scenas finaes do 5º, sendo digna de nota a maneira porque imitou a tosse, os offegos, a suffocação e a morte suave, que caracterizam a tuberculose pulmonar.

## MARIA DAS DORES

É uma excellente dama central. Boa presença, sympathica, voz agradável e forte, maneiras distinctas. Tem uma bellissima criação no papel de *Avó*, que, só elle, é bastante para sagral-a artista de primeira plana. O ataque de paralyisia, a entrada no quarto da netá, para envenenar-a, e a morte revelam prolongado e profundo estudo. Um trabalho notavel, em summa. Fez tambem com grande relevo os papeis de Rosalia, na *Morte Civil* e de Morgada, na *Morgadinha*.

\*

— A actriz ADELINA é muito joven e tem grande vocação para o paico. Fez com muito realce e desembaraço os seus papeis n'a *avó* e na *Morgadinha* e com immensa graça o da comedia *Milagre de Santo Antonio*. Prefere os papeis comicos, gosta de cantar *Lili* e fadinhos de Lisboa. É muito digna de ser aproveitada.

— BRANDÃO, a quem o diabo do adipe vae comprometendo a arte, diz bem, é correcto, sobrio e conhece o palco ás pollegadas.

É o director da Companhia. Faz acceitavelmente todos os seus papeis e disse muito bem a *falação* á Gauthier no 3º acto da *Dama das Camélias*.

— GIL. Fez regularmente o abba de da *Morte Civil* e hilarientemente o Capitão-Mor, da *Morgadinha*.

— A actriz ELVIRA COSTA tem merecimento. Fez bem o papel de duqueza n'a *avó*. Não compromette nunca o *ensemble*.

— COSTA é muito correcto, diz bem, veste com elegancia e trabalha com cuidado. Apresentou um magnifico D. Severo, no *Grande Galeoto* e foi muito bem no *galan* da *Magdalena*. É páu para toda obra. Faz galans e vegetes, criados lorpas e fidalgos illustres; e tudo a contento geral.

— SENNA, FERREIRA E ALMEIDA auxiliam o trabalho dos seus collegas, não o comprometendo nunca.

\*

Hoje e amanhã repetir-se-á o espectacular drama *Maria Antonietta*, que muito agradou hontem.

No dia 15 deve effectuar-se no Lucinda uma *matinée* em beneficio da actriz Amelia Bellido, viuva do inditoso actor Mauro de Bellido. O programma do espectáculo não está ainda organizado, mas sabemos que trabalharão a

companhia Dias Braga e muitos artistas do Príncipe Real de Lisboa.

O theatro foi graciosamente cedido pelo Sr. Dias Braga.

As condições em que se acha a actriz Amelia Bellido, pobre e com dois filhos menores, devem ser incentivo à generosidade do publico, sempre prompto em proteger os que, trabalhando, appellam para a sua protecção.

No dia 29, á 1 hora da tarde realizar-se-á um grande espectáculo, organizado pelo infatigavel Vasques, no qual tomarão parte muitos artistas das duas excellentes companhias dramaticas portuguezas que actualmente trabalham no Recreio e no Príncipe.

O producto d'este espectáculo é destinado ás despezas do monumento que o Vasques projectou mandar erguer no tumulo do immortal João Caetano, a figura primacial do theatro brazileiro.

Não conhecemos ainda o programma da grande *matinée*; sabemos apenas que será orador official o Sr. Dr. Joaquim Nabuco, que accedeu com enthusiasmo ao pedido do nosso estimadissimo artista.

Aluizio Azevedo, um dos brilhantes auctores d'*Os Venenos que curam* e d'*O Caboclo*, leu, ha dias, no nosso escriptorio, a uma roda de escriptores e de amigos, a sua nova comedia em 3 actos — *Os sonhadores*.

A nova peça de Aluizio Azevedo é do genero das de Hannequin. Viva, complicadissima, cheia de situações comicas, de enredo original e curioso, pouco attendendo á verosimilhança da acção e dos caracteres.

O auctor destina-a ao theatro Santa Anna.

A notavel actriz Celestina de Paladini, que em breve se retira para a Europa, faz beneficio no Lucinda, no dia 12, com a primeira d'*O filho de Corralia*, conhecida peça de Delpit, que tanto successo obteve ha seis annos no Recreio.

A actriz Paladini é digna a todos os respetos da alta protecção do publico; esperamos, pois, que esta não lhe falte.

P. TALMA

## O CINGULO VIVO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

*Em meio ao parque nobre ha platanos galhosos,  
Flores caramancheis, que as neblinas cravejam  
De aljofres; pavilhões, repuchos que despejam  
Liquefcitos crystaes em tanques, onde, airosos,*

*Nadam cysnes e aonde os insectos voltejam;  
Aves modulam, sobre os alendros ríçosos,  
Malagueñas, rondós, dhulias, scherzos maviosos.—  
E á sombra dos ramaes, que balsamos porejam,*

*Ergue-se Venus petrea em meio da avenida.  
Mas quem fita da deusa o corpo soberano,  
Vê-lhe em volta da cinta, em marmore esculpida*

— Como um cingulo negro, — enroscada uma cobra:  
Na obra mais gentil do estatuário humano,  
Do Divino Estatuário a mais horrivel obra!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## SPORT

E' inegavel que em nosso paiz já se vae manifestando algum enthusiasmo pelas corridas de cavallos, e que nestes ultimos tempos, grande impulso têm tomado todas as associações d'este genero, baseadas em pura iniciativa particular, que estimula, com avultados premios, essa importante industria, tão auxiliada pelos governos dos paizes adiantados.

Entretanto, o governo do nosso paiz, caminha indifferentemente nesse terno, sem animar essas associações, perfeitamente constituídas, creadas unicamente com o fim do apuramento da raça cavallar, que até hoje tem tido progressos espantosos, devido a grandes sacrificios d'essas benemeritas associações, a que o futuro fará justiça.

O Jockey-Club, que domingo passado colheu os maiores triumphos, apresentou-nos um programma perfeitamente organizado, demonstrando exuberantemente pela inscripção do pareo do Grande Premio, que o melhoramento da raça cavallar caminha rapidamente, sem que, entretanto, tenha até hoje recebido impulso quer do Governo geral quer da municipalidade.

No pareo Jockey-Club apresentaram-se doze parceiros de puro sangue, sendo onze estrangeiros e apenas um nacional, mas que soube sustentar com galhardia a classificação que antecipadamente lhe era conferida.

Encheu-nos de alegria vermos a grande multidão de todas as classes afluír com aqodamento e animar os sacrificios e grandes esforços do benemerito Jockey-Club.

Podemos calcular, quasi que sem errarmos, que quatorze mil pessoas tomaram parte nessa festa hippica, que indubitavelmente é a mais importante que em nosso paiz temos presenciado. As espaçosas archibancadas, inteiramente repletas, apresentavam um aspecto brilhantissimo deante do esplendido panorama de a Natureza desenrolava aos olhos dos innumerables espectadores.

O ensilhamento, o recinto dos carros, enfim as mais insignificantes dependencias do Prado notavam-se pela extraordinaria concurrencia, e difficilmente se estabelecia o transito, impedido pela immensa multidão que veio d'esta vez congratular-se com os legitimamente triumphos, arduamente conquistados, do Jockey-Club.

Pouco antes de se realizar o pareo do Grande Premio, apresentaram-se Suas Magestades Imperiaes, sendo recebidas com todas as honras e hymno do estylo, e tomaram assento na sua archibancada.

Vimos com grande consternação que o chefe do Estado estremeceu quasi sempre que levava os olhos ao esplendido programma; naturalmente porque nelle não via o menor estimulo ao nosso sport por parte do Governo.

Neste interim apresentaram-se na raia os doze valentes parceiros puros sangue que iam disputar os 12.000\$ conferidos pela iniciativa particular.

Repentinamente, espirrou um dos camaristas. Ião Imperador dizer *Dominus tecum!* quando partiram os valentes parceiros, que, palmo a palmo, disputavam a victoria. *Boreas*, *Taillefer*, *Plutão* e *Atalanta* conservaram a vanguarda até 1.800 metros, seguidos por *Comtesse Damietta* e *Phrynéa*, que, ao passar os 2.000 metros, collocou-se na vanguarda de todos os seus competidores, mostrando egualdade e firmeza no seu galope. *Comtesse* procurava aproximar-se, mas as suas circumstancias de saúde não

permittiram, e, mancando durante esse trajecto conservou, com grande difficuldade o 3º lugar, sendo batida ainda por *Satan*, que fez uma brilhante corrida.

*Boreas*, parceiro de puro sangue nacional, obteve o 6º lugar. *Gladiador* o 4º, 5º lugar. *Plutão*; *Dignitaire*, *Curubaiú*, *Atalanta*, *Damietta* e *Carmen* vieram em ultimo lugar *Taillefer*, um dos melhores parceiros que possuímos, não pôde bater-se com galhardia, devido a ter mancado logo nos primeiros 1.600 metros; assim mesmo correu até o fim. *Phrynéa*, percorrendo em 218 segundos os 3.200 metros, bateu galhardamente os seus competidores. Parabens á Coudelearia Fluminense. Eis o resultado dos outros pareos:

No 1º pareo (1.800 metros) *Druid*, em 120 segundos e com alguma facilidade, bateu os seus competidores. *Nicoafy* teve o 2º lugar; *Guanaco* o 3º; *Ivon* a 4º; e *Bayoco* o 5º, por se ter feito piegas na partida. *Douro* e *Paulicéa* na bagagem.

No 2º pareo (2.500 metros) *Scylla*, em 170 segundos, facilmente bateu os seus competidores. *Aspasia* teve o 2º lugar. *Cuopon*, que era o animal favorito, afrouxou, parecendo-nos indisposto, e chegou em 3º. *Fanfarron* e *Speciosa* chegaram em ultimo.

No 3º pareo (2.000 metros) *Sylvia II*, com alguma difficuldade, sahio victoriosa, em 140 segundos. *Diva* fez boa corrida: teve o 2º lugar. *Macaréu* e *Carmen* vieram na bagagem.

No 4º pareo (1.609 metros) *Flotsam* mostrou alguma superioridade sobre *Monitor*, que, apesar de ter tomado grande deanteira, entregou-se ao chegar ao poste do vencedor, parecendo-nos completamente esgotado. Teve o 2º lugar. *Flotsam* ganhou em 112 segundos. *Feiticeira*, *Odalisca* e *Onix* ficaram muito distantes. *Dandy* não correu.

No 5º pareo (1.609 metros) *Gaudriole*, indevidamente, sahio vencedora em 107 segundos. *Scylla* chegou em 2º, porém muito soffreada, o que talvez não acontecesse se *Coupon* não tivesse negado a partida; *Diomede* o 3º; *Pancy*, *Pearuana* e *Victoria* vieram na retaguarda.

O 7º pareo (1.609 metros) foi muito bem disputado por *Fanfarron* e *Nana*, que venceu em 109 segundos, o 3º lugar coube a *Speciosa*. *Talisman*, *Dr. Jenner*, *Françoise*, *Diomede* e *Camélia* vieram na bagagem. *Norma*, *Diva* e *Bitter* não correram.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do *Derby-Club*. O programma é esplendido e merecedor de grande concurrencia. Os dilettaes acharão nelle grande margem para as suas apostas.

L. M. BASTOS

## FACTOS E NOTICIAS

ANTONIO CANDIDO

Afirma um correspondente de Lisboa que vae abjurar dos votos sagrados o sr. padre Antonio Candido, lente da Universidade, deputado e orador progressista, para casar com a distincta escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, viuva do saudoso poeta Gonçalves Crespo.

O padre Antonio Candido é uma notabilidade, e a sua abjuração deve causar grande escandalo entre o clero portuguez. *Helas! Les morts vont vite!*

O elegante Club dos Politicos offerceu no sabbado passado um deslumbrante baile aos seus socios e convidados. O brilhantismo d'essa festa sô



pôde ser comparado ao do esplendido baile dado pelo Club dos Democraticos, no sabbado anterior.

Foram dois bailes fulgurantissimos, concorridissimos, admirabilissimos!!!

## HECTOR VARELLA

A este illustre jornalista e orador argentino será hoje offerecido no salão do Hotel Novo Mundo, ás 6 1/2 horas, um banquete por muitos representantes das letras, da imprensa, da politica e por admiradores e amigos.

A 31 do passado inaugurou-se com um festivo banquete o Hotel Central, á rua Municipal n. 9, de propriedade de Ferreira & C. Estiveram presentes muitos homens distinctos na politica, no commercio de café, na sciencia e no jornalismo. O Sr. barão de Martin brindou o Sr. Ferreira, respondendo-lhe em nome deste, agradecendo o comparecimento dos convidados, o director desta folha.

O nosso companheiro Filindal brindou, com estomago agradecido, o illustre Torres, o Vatel do Hotel Central.

O *filet piqué à la Semana* foi muito apreciado.

Pudéra não!

A distincta sociedade Congresso Gymnastico Portuguez dá no dia 14 um grande baile, commemorativo do seu anniversario.

Deve ser uma festa esplendida, como costumam ser todas as organisadas naquella sociedade.

## FALLECIMENTOS

No dia 3 falleceu nesta Córte o notavel medico-operator e parteiro conselheiro Dr. Francisco Praxedes de Andrade Pertence. O Dr. Pertence era um notabilissimo homem de sciencia, professor emerito e sabio e cavalheiro de elevado caracter e grande coração.

No dia 1º falleceu o Sr. João José de Souza Silva Rio, apreciado escriptor humoristico, auctor de muitos trabalhos litterarios, e antigo jornalista de merito. Silva Rio, que falleceu com 76 annos de idade, assignava os seus trabalhos com o pseudonymo de Flumen Senius.

A seu filho, o Sr. Ernesto Rio, caricaturista conhecido sob o nome de Flumen Junius, apresentamos os nossos sinceros pezames.

## CORREIO

Sr. ... Não só por falta de espaço, como tambem por acharmos tão fraquinho quanto estirado o seu conto,—que melhor devera intitular phantasia,—deixamos de inserir-o em nossa folha. Em nome do seu director, agradecemos-lhe o punhado de encomios com que vossa mercê o mimoseia na sua carta, chegando ao extrem de chrismal-o com o epitheto de *emblemata da litteratura*.

Tantas e tão fortes foram as ondas de rubor que a Modestia atirou-lhe ás faces, tão sensibilizado ficou, que entaramellou-se-lhe a lingua ao ponto de não poder dizer:—*agua quente*! Na sua já mencionada carta, offerece-se vossa mercê para nos transmittir, se o quizermos, noticias de Ouro Preto.

Comquanto julgemos que vossa mercê, na sua qualidade de triplice astro, esteja no mundo da Lua e deva por isso, dar-nos com mais razão noticias do «Fulguroso covil de soes e primaveras!» na phrase de um distincto poeta; comquanto assim pensemos,

não será de todo impossivel a publicação das suas noticias, desde que não venham por ahí fazendo gaifonas á grammatica, ostentando grandes joanetes de barbarismos; sem que tragam se quer um só trapo de interesse para com elle cobrirem as suas vergonhas.

Sr. A. Morillo.—Começa o Sr. dizendo na sua carta:—«Faço as minhas visitas e apresento respeitavelmente os meus cumprimentos.» E' tal qual como eu. Cá o degas tambem quando pôde dispor de si, enfia a fatiota melhor, dá sebo aos calcanhares e sae por esse mundo de Christo a fazer visitas que é mesmo um louvar a Deus! Emquanto á cumprimentos, já tenho o chapéu quasi roto de fazer barretadas a s amigos.

O seu soneto (soneto!) é tão morluario que, para o publicarmos, fóra necessario que tivéssemos um necroterio á mão. Agora, se o Sr. quer, sempre podemos mandal-o ali para o Cajú ou para o cemiterio de S. Francisco. E' como queira. Da maneira que elle está até nem precisa certidão de obito. Mande-nos as suas oitens.

Sr. L. A.—O soneto (mais outro!) de sua lavra, que nos enviou, não é máu; mas tem alguns versos que não me satisfazem inteiramente. Eis porque não o publicamos. Acho que este verso:

«E' sua mão, de Phydias primorosa  
Qual creação etc.»

E' um pouco obscuro. Eguamente não me sóa bem este:

«Mas podendo meus beijos maculal-a etc.»

Apri more-o, pois, se lhe fór possivel, que, talvez, assim, o posamos publicar.

Sr. Lucas de Barros.—Acabo de ler o seu soneto (ainda!) *O teu vestido*—, depois de inteirado do que me diz na sua carta,—e por mais que esquadrinhe, que mecha, que escarafunche e que *esgaranatimpicosisse*, não deparo com um guarda-roupa, com um cabide ou mesmo com um prego ferrugento; no qual possa pendurar a preciosa alfaiá rimada que nos remette.

Uma amostra do pano:

«Falta-me a voz e como que emudece  
Ao ver-te assim, e um laço de boa fita...»

Isto é: fita que não falla mal do *tuyauté*, que não mette as botas nas rendas e nos entremeios, que cumpre com seus deveres, que não pisca o olho esquerdo aos babados, que não amarra o gato... e emfim:—uma fita bem comportada, que é o mesmo que dizer: boa. Comtudo não péga, não se amarra por cá.

ENRICO.

## RECEBEMOS

— *Comoneana Brasileira* (Bibliotheca Escolar) homenagem a Camões, no tricentenario de sua morte, pelo Barão de Parana-piacaba. Obra de merito, com que nos occuparemos proximoamente.

— *A Luta*, n. 2. Porto Alegre.

— *Revista da Palestra Litteraria*, anno 2º, n. 2. Digno de encomios.

— *O Seculo XIX*. S. João do Rio Claro, n. 7 anno 1º.

— *O Esforço*. Bahia. Feira, anno 1º ns. 1 a 4. Ao collega que ora enceta a sua publicação desejamos que os seus *esforços* não sejam inuteis. Prosperidades.

— *O Tempo*, n. 1, an 10 1º. Revista artistica scientifica e litteraria e que é director chefe Max Fleuss, um moço de muitas esperanças, o que assegura a prosperidade da nova revista. Bons artigos contem este numero, alguns firmados por nomes já conhecidos. Vida de louros e longa.

— *Equador*, n. 6. Recife.

— *Revista Academica*, n. 6. Recife.

— *O Merito*, n. 4.

— *A Imigração*, n. 91. Anno III.

— *O Reactor*, n. 4, anno 2º. Piauly.

— *A Camelia*, n. 8.

— *Revista Financiera*, n. 86 e 87. Buenos-Ayres.

— *Estatutos da Sociedade Recreio Litterario*. Therezina.

— *Notizen uber die Provinz Espirito Santo*, por Joaquim Adolpho Pinto Pacca. Muito digno de ser lida por quem souber allemão. Asegura-nos alguém que o sabe que este folheto recommenda muito a illustração do seu auctor.

— *Corymbo*, n. 11 a 13. Rio Grande do Sul. Jornalzinho litterario redigido com muito

talento pela Sra. D. Revocata de Mello, poetisa e escriptora distincta.

— *A Amazona*. Edição especial em honra do Conselheiro Samuel Wallace Mac-Dowell. Uma polyanthea chibante com um bonito retrato. (Ser bonito o retrato não quer dizer que tambem o sejo o retratado.)

— *A Vida Moderna*. Muito mimoso o n. 3.

— *Revista*, n. 7 do Imperial Observatorio.

— *Estatutos da Academia de Musica do Club Beethoven*.

— *Appellação civil do juizo de direito da 1ª vara de Nictheroy*.

— *Revista do Instituto Historico do primeiro e segundo trimestres do corrente anno*.

Do editor Corazzi:

— *Historia da Grecia*, fasc. n. 31 da «Bibliotheca do Povo e das Escolas»; *Gil Braz de Santilhana*, fasc. n. 34 e 35; *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 5 e 6, com os bellos desenhos de Doré, magnificamente gravados; *Illustração*. Vol. III, n. 12. Muitos desenhos relativos ao casamento do principe real.

— Da excellente casa *Au Petit Journal: Le Printemps* n. correspondente a 16 do passado. Esplendidos figurinos.

— *Patris!* discurso pronunciado na inauguração do Monumento aos restauradores de Portugal, pelo illustre orador portuguez conego Alves Mendes. Traz um bello retrato phototypico do auctor; a impressão é esplendida. Depois diremos d'esta notavel oração:

— *Revista de Engenharia*, n. 142, anno VIII.

— *Mozart*, fasc. n. 18 da collecção—*Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, biographia esta, que, embora em resumo, é muito digna de ler-se.

— *Aguaes mineraes de Carambú*. Recomendamos a leitura d'este folheto a todos que precisarem de ir a Caxambu.

— *O universalismo* por Joaquim Tamegão.

— *Almanach Musical de 1886*, por Domingos Machado. Muito util aos que tiverem relações com a musica ou com musicos.

— Bazes demonstrativas e projectos de estatutos para a fundação da Companhia Zootechnica Pastoral.

— *Corriere d'Italia*, ns. 1 e 2. Traz o n. 1 uma bella allegoria de G. Amato ao 50º anniversario da fundação do corpo dos Bersaglieri; e o n. 2 uma illustração: a abertura da 16ª legislatura do parlamento italiano. Prosperidades.

— *O Mequetrefe*, n. 411. O lapis do Netto continúa a pintar o sete... e commendadores.

— *El Eco de España*, n. 76. Anno II.

— *O Meteoro*, n. 2. Anno I. S. Paulo.

— *A Imprensa*, n. 1. Anno I. Orgão litterario e recreativo. Milhões de assignantes.

— *O Sorriso*, n. 1. Anno I. Nictheroy. Periodico litterario dedicado ao bello sexo. Risonho porvir ao Sorriso.

— *O palladio*, n. 1. Anno I. Orgão litterario que principiou a sua publicação na cidade da Bagagem.

— *O Cataguazense*, n. 1. Anno I. Cataguazes.

— *Correio de Portugal*, n. 256. Anno VI. Montevideo.

— *O Ensaio*, n. 1. Anno I. Publicação quinzenal que vê a luz em S. Paulo.

— *O Relampago*, anno I, n. 2. Orgão da nossa visinha, a agencia commercial portugueza, de Lourenço Marques d'Almeida.

— *A distração*, n. 91.

## ANNUNCIOS

**Advogado.**—O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1ª do Março n. 23.

## COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

# DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA OITAVA CORRIDA A REALIZAR-SE NO DIA 8 DE AGOSTO DE 1886

## GRANDE PREMIO DERBY-NACIONAL

**Ao meio-dia—1º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue, que ainda não tenham ganho no Derby—Premios: 100\$ ao 1º, 80\$ ao 2º e 40\$ ao 3º**

1	Americana.....	Tordilho.....	4 annos	Rio de Jan...	50 kilos	Branco, preto e encarnad..	M. L. de Carvalho.
2	Aurora.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
3	Aranha.....	Idem.....	5 »	Idem.....	52 »	Vermelho e preto.....	Idem, idem.
4	Pristoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e havana matizada...	A. C.
5	Eolo.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
6	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Paraná.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
7	Yvon.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	52 »	Preto branco e encarnado..	C. P.
8	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem.
9	Araby.....	Alazão.....	4 »	Rio de Jan...	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
10	Verbena.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e encarnado.....	Coud. Santa Cruz.
11	Biscaia.....	Alazão tost... 4 »	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e ouro.....	Idem idem.
12	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello...	Idem Esperança.

**A's 12 3/4 horas—2º pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos, que não estejam inscriptos no pareo Derby Nacional. Premios: 500\$ ao 1º, 100\$ ao 2º e 50\$ ao 3º.**

1	Onix.....	Castanho.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Preto e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Jenny.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	47 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
3	Feiticeira.....	Alazão.....	3 »	Rio de Jan...	47 »	Grénat e rosa.....	Idem Modesta.
4	Condor.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
5	Chapeco.....	Vermelho.....	3 »	Paraná.....	49 »	Branco e estrelas azues...	Idem Guanabara
6	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	47 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
7	Pip.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e rosa.....	B. V.
8	Condor.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
9	Judia.....	Tord. negro... 3 »	3 »	Idem.....	47 »	Azul e rosa.....	A. S. S.
10	Relampago.....	Tordilho.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e amarello...	Coud. Esperança.
11	Galgo.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.

**A' 1 1/2 hs.—3º pareo—COSMOS—1.750 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 120\$ ao 3º.**

1	Dignitaire.....	Alazão.....	3 annos	França.....	51 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Aspasia.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra...	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Speciosa.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e grénat.....	Idem Internacional.
4	Coupon.....	Idem.....	3 »	França.....	53 »	Azul branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
5	Gladiador.....	Castanho.....	3 »	Inglaterra...	51 »	Branco e roxo.....	M. U. Lemgruber.
6	Scylla.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
7	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 »	Rio da Prata.	52 »	Grénat e bonet ouro.....	Raul de Aguiar.
8	Diomedes.....	Idem.....	3 »	França.....	51 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

**A's 2 1/4 hs.—4º pareo—PROGRESSO—1.750 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 600\$ ao 1º, 120\$ ao 2º e 60\$ ao 3º.**

1	Guanaco.....	Alazão tost... 7 annos	7 annos	Paraná.....	56 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
2	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e ouro.....	Idem Alliança.
3	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e estrelas azues...	Idem Guanabara.
4	Gaporal.....	Alazão tost... 4 »	4 »	Idem.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
5	Batoco.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	60 »	Branco e bonet encarnado..	Oliv. Junior & Lopes
6	Druid.....	Tordilho.....	4 »	Rio de Jan...	52 »	Branco e encarnado.....	Idem.

**A's 3 hs.—5º pareo—RIO DE JANEIRO—2.400 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 1.500 ao 1º, 400\$ ao 2º e 200\$ ao 3º.**

1	Phriná.....	Castanho.....	4 annos	Inglaterra...	48 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	52 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
3	Naná.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra...	50 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.
4	Curubaiá.....	Idem.....	5 »	Idem.....	50 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
5	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	47 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza.

**A's 3 3/4 hs.—6º pareo—GRANDE PREMIO DERBY-NACIONAL—2.000 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos, já inscriptos—Premios: 3.000 ao 1º, 800\$ ao 2º, o 3º salva a entrada.**

1	Plutus.....	Zaino verm.. 3 annos	3 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Azul, br. encarnado e faixa.	Coudelaria Cruzeiro.
2	Monitor.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	52 »	Idem, idem, idem.....	Idem, idem.
3	Plutão II ex Rondello...	Douradilho... 3 »	3 »	Idem.....	52 »	Velludo azul e grénat.....	Lazaro & Lima.
4	Blair Athol.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro	52 »	.....	Joaquim F. de Moura
5	Flotsam.....	Zaino.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Mirim.
6	Remember.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro	50 »	Ouro e branco.....	Idem Fluminense.
7	Lancaster.....	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Idem idem e faixa.....	Idem, idem.
8	Famalicao.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	52 »	.....	Ernesto Ascoly.
9	Dandy.....	Vermelho.....	3 »	Idem.....	52 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.

**A's 4 1/2 hs.—7º pareo—DERBY-CLUB—2.000 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1.000\$ ao 1º, 250\$ ao 2º e 120\$ ao 3º.**

1	Diva.....	Alazão.....	4 annos	R. de Janeiro.	50 kilos	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
2	Sylva II.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
3	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	58 »	Azul e ouro.....	Idem Alliança.

**A's 5 hs.—8º pareo—LEMGRUBER—1.609 metros—Animas do paiz, até meio sangue, que não tenham ganho este anno o pareo Progresso—Premios: 500\$ ao 1º, 100\$ ao 2º e 50\$ ao 3º.**

1	Orpheo.....	Preto.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Vermelho e faixa branca...	Coudelaria Mirim.
2	Bitter.....	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Azul e amarello.....	Hermenegildo J. Silva
3	Zaire.....	Gateado.....	5 »	Paraná.....	54 »	Azul e encarnado.....	Coudelaria Amadores
4	Nicoafy.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. & P.
5	Sartarelle.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Geranium e ouro.....	J. W.
6	Catana.....	Douradilho... 4 »	4 »	S. Paulo.....	50 »	Preto e encarnado.....	Idem.
7	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
8	Intima.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
9	Regalia.....	Vermelho.....	5 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Mario de Oliveira.

Os animas inscriptos no 1º pareo devem ser apresentados no encilhamento às 11 horas